

VICO, A MEDICINA HIPOCRÁTICA E O MECANICISMO CARTESIANO*

VICO, HIPPOCRATIC MEDICINE AND CARTESIAN MECHANICISM

Antonio José Pereira Filho**

RESUMO

Em algumas de suas obras, como é o caso do *De nostri temporis studiorum ratione*, Vico enfatiza a necessidade de se resgatar, em âmbito moderno, alguns preceitos da medicina hipocrática e faz duras críticas à “medicina cartesiana” praticada em sua época. Como entender o resgate que Vico propõe da medicina hipocrática em contexto moderno? Para responder a essa questão, dividiremos nossa exposição em três momentos. Inicialmente, apresentaremos em linhas gerais em que sentido a relação entre natureza e história pode ser vista na obra do pensador napolitano, uma vez que a interpretação historicista que se faz de Vico parece dar pouca margem para suas considerações sobre as investigações no campo da ciência natural. Em seguida, abordaremos *o caso da medicina*, que nos parece fecundo para indicar alguns aspectos importantes da posição de Vico em face do mecanicismo cartesiano. Por fim, indicaremos em que sentido Vico faz a defesa da medicina hipocrática. Mostraremos, assim, que, para Vico, a medicina dos antigos parece ter contribuído decisivamente para temas fecundos ao construir uma tópica que destaca a prevenção, o que permite compreender não apenas o sentido de sua crítica ao mecanicismo cartesiano, mas igualmente levanta questões importantes para o nosso tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Vico; medicina hipocrática; cartesianismo; mecanicismo.

ABSTRACT

In some of his works, such as *De nostri temporis studiorum ratione*, Vico emphasizes the need to rescue, in a modern context, some precepts of hypocratic medicine and makes harsh criticisms of “cartesian medicine” practiced in his time. How to understand the rescue that Vico proposes of the Hippocratic medicine in a modern context? To answer this question, we will divide our presentation into three moments. Initially, we will present in general lines in what sense the relationship between nature and history can be seen in the work of the Neapolitan thinker, since Vico's historicist interpretation seems to give little scope for his considerations about investigations in the field of natural science. Then, we will approach the case of medicine, which seems to me fruitful to indicate some important aspects of Vico's position in the face of cartesian mechanism. Finally, we will indicate in what sense Vico defends hypocratic medicine. We will show, therefore, that, for Vico, the medicine of the ancients seems to have contributed decisively to fruitful themes by constructing a topic that highlights prevention, which allows us to understand not only the meaning of his criticism of cartesian mechanism, but also raises important questions for our time.

KEYWORDS: Vico; hypocratic medicine; cartesianism, mechanism.

* Artigo recebido em 16/02/2025 e aprovado para publicação em 06/04/2025.

** Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e Professor do Departamento de Filosofia da UFS. E-mail: proantonio_pereira@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Numa de suas obras menores em extensão, mas de suma importância para seu projeto filosófico, *O método de estudos do nosso tempo (De ratione)*, o filósofo Giambattista Vico (1668-1744) enfatiza a necessidade de se resgatar, em âmbito moderno, alguns preceitos da antiga medicina hipocrática e faz duras críticas à “medicina cartesiana” praticada em sua época. Como entender o resgate que Vico propõe da medicina hipocrática em contexto moderno? O que devemos entender por “medicina cartesiana” de acordo com sua interpretação?

Antes de responder a estas questões se faz necessário aplainar o terreno, uma vez que, conforme certas leituras de interpretes renomados de Vico, o filósofo não teria se interessado por uma investigação acerca da natureza, ocupando-se exclusivamente em fundamentar uma ciência que englobasse a totalidade da vida social humana ao longo da história, assunto ao qual ele dedicou sua obra principal, a *Ciência Nova* (1725-1744). Contudo, apesar de ser este de fato o tema principal de Vico, isso não significa que o autor não tenha produzido importantes reflexões que ultrapassam o escopo de sua obra mais conhecida. Penso ser este o caso de suas reflexões sobre a medicina. Acredito que se possa ver aqui um traço original do seu pensamento, uma vez que, ao ir além da perspectiva mecanicista que fundamenta a medicina moderna, sem negar os benéficos que ela trouxe, Vico mostra ser um filósofo que pode ser visto a partir de ângulos deixados de lado pelo cânone interpretativo tradicional. Ao mesmo tempo, quando o encaramos a partir de suas margens, podemos revisitar sob outra perspectiva a obra do próprio Descartes, autor visto frequentemente como um adversário a ser combatido.

Do ponto de vista de um Vico crítico do cartesianismo, basta uma leitura da primeira parte do *Discurso do método* para se perceber que Descartes, ao instituir seu método, sua *medicina mentis*, sua correção do intelecto, teria se afastado da visão do humanismo tardio a qual Vico se filia. Além disso, conforme a clássica metáfora cartesiana da árvore do conhecimento, a física é vista pelo filósofo francês como o tronco a partir do qual as demais ciências se ramificam. Assim, conforme a perspectiva cartesiana, não poderá haver ciência da história, da política, do direito, da literatura, dos estudos das línguas e da sociedade, pois nada disso faz parte da física, ou dela deriva, nem constituem saberes matematizáveis. Vico irá propor, ao contrário, uma perspectiva rizomática que rompe com o modelo cartesiano da *mathesis universalis* e defenderá um pluralismo metodológico aplicável aos diversos ramos do conhecimento. Porém, se é correto dizer que Vico rompe com o método de Descartes, não é menos verdadeiro dizer que há pontos de contato entre ambos, e, paradoxalmente, o *caso da*

medicina me parece ilustrativo quanto a isso, pois, como tentarei mostrar ao longo deste trabalho, o próprio Descartes possui uma visão mais complexa da arte médica, indo além dos que encaram o ser humano apenas como uma máquina.

ACERCA DE ALGUMAS INTERPRETAÇÕES SOBRE VICO: NATUREZA OU HISTÓRIA?

À primeira vista pode causar estranheza abordar a obra de Vico a partir da relação entre ciência e natureza. Basta lembrar a esse respeito o que diz Paolo Rossi em seu livro *Sinais do tempo*. Nesta obra, Rossi adota a tese exposta por outro importante comentador de Vico, Pietro Piovani, a saber: “a filosofia de Vico seria uma filosofia sem natureza” (Rossi, 1992, p. 132); neste caso, “o importante é que o natural e o humano para este novo saber permanecem separados (...). A natureza que é protagonista na *Ciência Nova* é a natureza humana (...) a filosofia da cultura surge [em Vico] como herdeira da extinta filosofia da natureza” (p. 133)¹. É preciso dizer, no entanto, que, vista sob o ângulo de uma “filosofia sem natureza”, a obra de Vico surge deslocada do contexto oitocentista e o filósofo passa a ser apresentado ou como um adversário dos saberes modernos, como vemos na leitura de Rossi, ou então, num tom triunfante, Vico passa a ser visto como o precursor do historicismo hermenêutico difundido na segunda metade do século XIX e início do século XX.

Não por acaso é nessa época que sua *Ciência Nova* (1725-1744) começa a ser traduzida e divulgada em outras línguas europeias. Na perspectiva de Marx, por exemplo, que a lê com entusiasmo e a cita em *O capital*, o interesse de Vico estaria voltado para a investigação dos processos de produção social humana ao longo da história, o que supõe uma transformação da natureza pela intervenção do ser humano, implicando na crítica, presente em ambos os pensadores, à perspectiva hipostasiada da noção de “natureza humana”².

¹ Conferir Piovani (1969, p. 247-268). Para uma interpretação divergente a apresentada por Piovani e Rossi, conferir Badaloni (1988). Nesta obra, Badaloni se esforça por aproximar Vico da concepção de ciência de Galileu Galilei, bem como do assim chamado “platonismo moderno”, indicando uma via pela qual é possível pensar de um outro ângulo as relações entre ciência e natureza na obra do filósofo. Sobre a polêmica entre Rossi e Badaloni vale a pena consultar os seguintes trabalhos: Lomonaco (2001) e Santos (2012). Não é nosso propósito neste artigo aprofundar esta polêmica. Contudo, acredito que há um outro modo de pensar as relações entre natureza e ciência na obra de Vico se tomarmos como fio condutor suas reflexões sobre a medicina, o que a meu ver parece ter escapado tanto à interpretação de Rossi quanto a de Badaloni.

² Como diz Marx: “Com sua teoria da evolução, o biólogo Charles Darwin teria mostrado a formação dos órgãos das plantas e dos animais como instrumentos de produção necessários da vida das plantas e dos animais. Não merece igual atenção a história da formação dos órgãos produtivos do homem social, que constituem a base material de toda organização social? E não seria mais fácil reconstituí-la, uma vez que, como diz Vico, a história humana se distingue da história natural, por termos feito uma e não termos feito a outra? A tecnologia revela o modo de proceder do homem para com a natureza, o processo imediato de produção de sua vida, e assim elucidada as

Por sua vez, segundo a interpretação de Hans Georg Gadamer, a contribuição de Vico seria, sobretudo, de ordem metodológica e epistemológica. Vico seria o precursor do projeto de fundamentação das “ciências humanas” ou “ciências do espírito” e teria influenciado decisivamente o método da imaginação reconstrutiva que Wilhelm Dilthey (1833-1911) desenvolve como fundamento da prática historiográfica. Para Gadamer, no entanto, o projeto de uma ciência do humano, enquanto “ciência do espírito”, fracassa, pois oscila entre o relativo e o abstrato, entre a vivência psicológica do sujeito que investiga a história, de um lado, e a pretensão de conhecimento objetivo, de outro³. Ou seja: na leitura de Gadamer, “o fracasso epistemológico” de Dilthey traria embutido “o fracasso da *Ciência Nova*” de Vico tomada como ciência que pretende dar conta da totalidade da produção social humana. Na verdade, o Vico que interessa a Gadamer não é o autor da *Ciência Nova*, mas o professor de retórica, que se liga à tradição humanista; contudo, ao apresentar a coisa desse modo, Gadamer acaba deixando de lado toda a riqueza que a obra de Vico contém em si mesma⁴.

De acordo com a interpretação historicista do princípio epistemológico de Vico (*verum ipsum factum*), o conhecimento é visto como construção, ou seja, só se conhece verdadeiramente aquilo que se faz, o que abre a via igualmente para uma leitura de um Vico pragmatista⁵, ou um Vico idealista, precursor de Hegel⁶. Assim, com seu princípio do *verum-factum*, o filósofo teria fundamentado a *Ciência Nova* vinculando sujeito e objeto, ao contrário do que vemos nas ciências naturais e sua busca de leis universais, que independem da produção humana. Na verdade, para o historicismo, as próprias *ciências naturais*, são um produto humano e, segundo Vico, como a natureza não foi criada pelo homem, mas por Deus, só poderíamos conhecê-la pouco a pouco, através de artefatos e experimentos, tal como Bacon havia proposto⁷. Seja como for, a interpretação historicista, nos permite entender que Vico dá início a uma forma de conhecimento que pretende abarcar totalidade e a especificidade dos

condições de sua vida social e as concepções mentais que delas decorrem” (Marx, 1996, p. 8). Para uma abordagem da interpretação de Marx acerca de Vico conferir Pereira Filho (2014).

³ Sobre a interpretação de Gadamer acerca de Vico, conferir o estudo de Damiani (2003).

⁴ Conforme Gadamer, “Vico vivia numa tradição ininterrupta da formação retórico-humanista e precisava voltar a resgatar a validade do direito desta tradição, a qual não envelhecera. Nós, ao contrário, temos que abrir cansativamente o caminho de regresso a essa tradição. Apontando, primeiramente, as dificuldades que resultam da aplicação do conceito moderno de método às ciências do espírito do século XIX” (Gadamer, 1999, p. 67).

⁵ Conferir Fish (1982, p. 67-90).

⁶ Conferir ainda Croce (1911).

⁷ Em sua obra *De antiquíssima italarum sapientia*, de 1712, Vico observa que o conhecimento humano faz uma “uma anatomia das obras da natureza”, ou por outra via, que pode ser remetida a Bacon, um dos autores que mais o influenciaram, ele mostra que o conhecimento humano constrói hipóteses e experimentos para explicar os efeitos da natureza. A metáfora do conhecimento visto a partir da figura do anatomista pode ser encontrada em *De antiquíssima italarum sapientia* (Vico, 2007, p. 16).

saberes humanos, que lidam com sujeitos concretos, situados no mundo, ou seja, situados historicamente, uma vez que não se pode estudar o mundo humano dissecando-o como um cadáver em um laboratório.

Na *Ciência Nova*, de fato, a própria expressão “natureza”, cuja origem deriva do verbo latino *nascor* (nascer), possui um sentido claramente historicista: “a natureza das coisas [leia-se: das instituições humanas] nada mais é do que seu *nascimento* em determinados tempos e conforme certos modos de ser” (*Ciência Nova*, §177)⁸. Vico rompe, portanto, com a perspectiva essencialista de natureza humana. Para ele, não se compreende o ser humano analisando apenas sua fisiologia ou suas faculdades mentais enquanto espécie. Na verdade, o método que Vico emprega na *Ciência Nova* vincula ontogênese e filogênese. Ao estudar como as características mentais, linguísticas, psicológicas, afetivas dos seres humanos se diferenciam ao longo do tempo, ele indica que tais características devem ser vistas como um todo, como um conjunto de aspectos que indicam um modo de ser, a fisionomia de uma determinada época, que não deve ser confundida com outra, assim como um indivíduo não deve ser confundido com outro. Apesar dos traços comuns e, a princípio, universalizáveis ou comparáveis, há diferenças fundamentais produzidas historicamente conforme o perfil de cada época, de cada modo de ser. Como diz Vico, “as propriedades dos sujeitos devem ser produzidas pela modificação ou pelo modo como as coisas nasceram; razão pela qual estas nos podem certificar *que é esta, e não outra*, a natureza ou *nascimento* das coisas” (Vico, 2005, §148, grifos meus).

Assim, de forma bem resumida, na perspectiva de Vico, a invenção da agricultura liga-se à fala icônica dos primeiros tempos humanos, isto é, a uma língua feita de gestos e imagens, bem como a arte das musas liga-se a um conjunto de saberes que mais tarde se converterão em ciências e artes como a física, a medicina, a astronomia, a geografia, a matemática etc., que abrirão caminho para o desenvolvimento da navegação e do comércio. Por sua vez, a invenção da escrita alfabética facilitará a comunicação e o intercâmbio entre os povos, tornando a mente humana mais ágil (Vico, 2005, §460), enfim, esta e outras invenções e descobertas vão modificando a mente humana, seja de um ponto de vista cognitivo, seja porque introduz novas paixões, demandas e necessidades. De modo que é um equívoco ver com uma única lente os *bestioni* que viviam nas cavernas, os caçadores coletores e os homens civilizados, sendo que estes ainda carregam o bárbaro dentro de si. Dito de forma ainda mais resumida, a selva, a cabana e a cidade pertencem a mundos distintos, mas o que há de bestial e bárbaro não

⁸ Em relação às citações feitas aqui da *Ciência Nova*, esta obra será citada com título e parágrafo.

desaparece, como supõe uma visão triunfante do progresso; ao contrário, se a brutalidade dos selvagens era transparente e generosa, a barbárie dos tempos civilizados (barbárie da reflexão) é cruel, traiçoeira e maliciosa.

De todo modo, Vico considera que o avanço da tecnologia vai moldando nossas diferentes “naturezas”, nossa percepção, nosso modo de estar no mundo, o que significa que não vivenciamos o mundo da mesma forma que os homens rústicos fundadores da civilização vivenciavam. Nossas mentes civilizadas, refinadas pela escrita alfabética e suas abstrações, são incapazes de imaginar como os povos que viviam da caça e da coleta de frutos *sentiam* “a vasta mulher de natureza simpatética”, ou seja, como vivenciavam a imagem da natureza como uma mãe provedora, tal como lemos nos mitos antigos (Vico, 2005, §572). Nós, civilizados, operamos com o conceito, mas os primeiros fundadores das nações não dispunham de uma noção abstrata que expressasse a natureza na sua totalidade. O que viam diante dos seus olhos não era a abstração conceitual de uma natureza manipulável, mas a imagem viva de uma “deusa”, de uma mãe como a Demeter dos gregos ou a Ceres dos latinos, provedora de frutos e cereais. Para nós, que vivemos na idade da razão, diz Vico, “é naturalmente negado poder entrar na vasta imaginação daqueles primeiros homens, cujas mentes em nada eram abstratas, em nada eram sutilizadas, em nada espiritualizadas, porque estavam todas imersas nos sentidos, todas tiranizadas pelas paixões, todas sepultadas nos corpos” (Vico, 2005, §572).

Vico observa que, nas diversas nações, com a invenção da agricultura, funda-se o tempo socialmente compartilhado, isto é, funda-se uma forma de vida humana que passa a contar o tempo com o ciclo das colheitas, sendo que estas serão celebradas nas festas religiosas consagradas às divindades, pois a natureza e seu séquito de deuses e deusas convidam à rememoração, conservando o legado de uma tradição que liga o ser humano à terra (Vico, 2005, §3, 721, 732). É através da agricultura, primeira grande invenção humana, que serão demarcados territórios, dando origem a uma nova forma de organização social, que está na base das famílias patriarcais. A agricultura nascerá de humanos toscos, dotados de paixão fervorosa e imaginação fértil, que observam o ciclo das estações, as cheias dos rios, o movimento dos astros, interpretando-os como “sinais *divinos*”. Vem daí, segundo Vico, o sentido da palavra *divinari*, expressão que, segundo a engenhosa filologia viquiana, se liga ao ato hermenêutico que visa compreender “a fala dos deuses” (isto é: *ateologia*), ou, dito de outro modo, a capacidade de sondar o que está oculto na natureza, de compreender o invisível e *adivinhar o futuro* (Vico, 2005, §381). Daí também que, segundo Vico, os primeiros sábios eram poetas, ou melhor, *poetas teólogos*, que dominavam a arte das musas, ou seja, as diversas formas de

interpretar os sinais que a natureza indicava. É essa arte divinatória que torna possível prever ou prever o futuro com base no que já se havia experimentado, ou seja, o que a natureza havia dito e ensinado.

Vico nos mostra que o conhecimento humano, pouco a pouco, vaise depurando, se desdobrando, afastando-se dos mitos, destes “esboços de saberes poéticos”, organizando-se em ciências específicas (Vico, 2005, § 779) que rompem com os conhecimentos embutidos na velha “física poética”. Esta física animista era inspirada na semelhança entre os atributos humanos e divinos e a natureza, na sua diversidade, seria a manifestação das diversas formas de poderes das divindades. Acerca dessa física primitiva, é preciso observar que Vico concorda com Francis Bacon, segundo o qual as distorções provocadas pelo espelho da mente humana impedem o progresso do saber, ou seja, a física animista e antropomórfica deve ser recusada, o que faz toda a diferença entre magia e ciência na idade moderna; mas, ao contrário de Bacon, o filósofo napolitano emenda que foram justamente estas distorções, estes *esboços de ciência*, que tornaram possível a civilização.

Na *Ciência Nova*, o filósofo busca atravessar esse espelho distorcido, entender sua lógica poética, penetrar nesse mundo mágico, refletir cientificamente sobre ele, descer a esta forja infernal, onde mitos e deuses são criados. Este foi o desafio que ele ousou enfrentar e, por esse motivo, ao fazer uma ciência sobre um pano de fundo de trevas, em pleno século das luzes, seu nome ficou praticamente esquecido. Deste ponto de vista, compreende-se melhor porque somente a partir do século XIX e do século XX, com o advento da antropologia, da sociologia, da historiografia etc., que sua obra mereceria a devida atenção. No entanto, Vico é um autor que pertence ao espírito combativo das luzes, propondo um racionalismo mais arejado, capaz de jogar luz no que há de obscuro; portanto, leituras que o veem como um conservador antimoderno ou anti-iluminista estão a meu ver equivocadas⁹.

Não pretendo contestar a forma como se encara a obra de Vico a partir da perspectiva historicista que apresentei sucintamente acima. Contudo, cabe perguntar se, ao abordar a obra unicamente por esse viés, não esquecemos algo a respeito de como o próprio Vico, embora não fosse um investigador da natureza, se posicionava frente às conquistas da ciência moderna e da filosofia da natureza desua época. Pode-se dizer talvez que, ao invés de uma *filosofia sem natureza*, Vico na verdade traz a história para dentro das ciências naturais. Para dar conta minimamente deste assunto, irei tomar *o caso da medicina*, que me parece fecundo

⁹ Um modelo desse tipo de abordagem encontra-se, por exemplo, no livro de Mark (1994).

para indicar alguns aspectos importantes do pensamento de Vico. Como tentarei mostrar a seguir, ao indicar os limites da perspectiva mecanicista a respeito da natureza e defender uma visão mais complexa do ser humano, Vico paradoxalmente nos ajuda a iluminar certa visão limitada muito difundida a respeito do próprio cartesianismo no que diz respeito a arte médica.

A MEDICINA SEGUNDO VICO

Em sua *Autobiografia*, Vico nos informa que, quando jovem, após trabalhar nove anos como preceptor em Vatola, regressou ao ambiente cultural de Nápoles, deparando-se espantado com “o fervor com que se celebrava a física cartesiana” (Vico, 1990, p. 22). Esta física inicialmente foi difundida por um ciclo de intelectuais como Tomaso Cornélio e Leonardo de Cápua, membros da *Academia dos Investiganti*. Contudo, os *investiganti* do seu tempo buscavam meios de comprovar essa física lançando mão do método experimental, mesclando o mecanicismo cartesiano ao materialismo de Epicuro. Nesta ocasião, Vico nos diz que se sentiu “como um forasteiro em sua pátria”, pois o cartesianismo havia se transformado numa moda literária. Como seus contemporâneos, o filósofo se apressou em estudar essa nova física de teor cartesiano, estudando as obra de Descartes, *Meditações Metafísicas e as Paixões da Alma*. Nesta altura, pensadores napolitanos, entre os quais cabe mencionar, dentre outros, o médico e matemático, Gregorio Caloprese, bem como seu aluno Francesco Maria Spinelli, segundo Vico, “um douto cartesiano”, além de Paolo Mattia Doria, matemático e filósofo. Vico tinha grande apreço por esses homens cultos que haviam se convertido ao “cartesianismo”¹⁰.

Ao relatar sua formação intelectual e os autores que lia na adolescência, Vico associa o próprio Descartes a esse “cartesianismo difuso”, indicando, por exemplo, que Descartes, já em sua própria época, ambicionava “ganhar a simpatia dos professores de medicina”. O curioso é que, justamente por uma consequência inesperada dessa “ambição cartesiana”, a qual Vico alude, Descartes se viu às voltas com os problemas relacionados à vulgarização de suas ideias e

¹⁰ Relembrando essa época, Paolo Mattia Doria (*apud* Badolini, 1971, p. XXVI, nota 2) escreve acerca do embate filosófico daquele momento histórico: “No início dos meus estudos, todos eram seguidores da filosofia de Pierre Gassendi. Em outros termos, não se admitia outra coisa que os sentidos e a matéria e recusava-se tudo que era objeto do intelecto espiritual e puro. Mas este furor durou pouco, pois logo dispersou-se a seita de Epicuro e abraçou-se a doutrina de René Descartes; então, falava-se apenas de ideias confusas, ideias adventícias, ideias claras e distintas, distinção real e outros termos semelhantes de René. O prestígio desta segunda filosofia durou, porém, poucos anos, com o que os já exaustos filósofos modernos seguem em busca de uma outra nova ciência”. Para uma discussão acerca da recepção do cartesianismo em Nápoles no tempo de Vico, conferir Lomonaco, 2015, p. 21-40). Conferir ainda Silva Neto (2016, p. 147-167).

ao modismo em torno do seu nome. No prefácio dos *Princípios da Filosofia*, por exemplo, o vemos acertando suas contas com Regius (pseudônimo do médico Henry Du Roy, autor da obra *Fundamenta physica*, publicada em 1646). Descartes, em certo momento, chegou a considerar Regius um dos seus maiores discípulos “tão seguro estava da qualidade do seu engenho” (Descartes, 1996, p. 32). Contudo, após a publicação dos *Fundamenta physica*, Descartes sentiu-se forçado a vir a público e desqualificar a proposta do autor, que havia provocado grandes distorções em suas ideias “e prestado um mau serviço ao cartesianismo”, pois embora considerasse a distinção metafísica entre o corpo e a alma, Regius chega a uma conclusão que Descartes contesta veementemente, uma vez que Regius entende que a alma está unida ao corpo *per accidens*, não constitui uma união real, como afirmará Descartes¹¹.

Vico declara que a primeira vez que entrou em contato com o nome de Descartes foi justamente através da obra de Regius. Ainda muito jovem, ele havia lido o tratado de Regius na livraria de seu pai, julgando inicialmente que se tratava de uma obra do próprio Descartes ou então que o próprio Descartes havia usado o médico para divulgar suas ideias, ambicionando com isso ganhar alguns discípulos nas universidades holandesas em uma cruzada anti-aristotélica, que visava abrir caminho para a ciência moderna. Apesar desse equívoco por parte do jovem Vico (que de início confundiu Regius com Descartes), é curioso que na *Autobiografia* ele apresente Regius como “um médico de profissão que mostrava não ter outro conhecimento a não ser os das matemáticas” (Vico, 1990, p. 22). Com essa afirmação o filósofo quer indicar sucintamente que a medicina concebida por Regius e propagada pelo mecanicismo em seu tempo está voltada para o estudo do homem “que não se encontra na natureza” (p. 22). Pode-se dizer, portanto, que Vico intervém nesse debate indicando justamente os limites do cartesianismo mecanicista que circulava em seu ambiente intelectual.

Vico identifica um ponto cego na relação entre mente e corpo, conforme a interpretação que ele faz desse aspecto da medicina cartesiana, assunto que ele discute inicialmente em sua

¹¹ Para uma reconstrução da relação entre Descartes e Regius, ver Pereira Filho (2012, p. 179-202). Acerca da relação entre Descartes e os médicos, ver Donatelli (2003). Segundo Donatelli, “a publicação da *Physiologia* não foi bem recebida pela Universidade de Utrecht, gerando uma discussão que deu início a um debate acirrado, envolvendo a Faculdade de Teologia e uma acusação contra Regius de ateísmo, além da proibição da difusão da filosofia cartesiana: as autoridades de Utrecht organizaram um julgamento público da nova filosofia e retiraram a autorização de Regius para lecionar filosofia natural. A reação de Descartes a essa atitude está registrada em dois textos: i) a Carta ao P. Dinet, publicada na segunda edição das *Meditações*, que contém uma narrativa sobre o acontecimento de Utrecht, além de uma ofensa bastante grave a um dos maiores teólogos da Holanda, Voetius, chegando mesmo a defender a sua demissão do cargo de reitor; ii) a Epístola ad Voetium (Carta a Voetius), que foi publicada em latim e em holandês, e teve um efeito desastroso: Descartes foi acusado de calúnia. A partir de então, a relação entre Descartes e Regius entra em fase de deterioração, culminando com o afastamento entre ambos” (Donatelli, 2003, p. 330).

obra *De nostri temporis studiorum ratione*. A discussão sobre a medicina surge no capítulo VI deste texto, que pode ser visto como um dos últimos testemunhos da famosa “querela a respeito da superioridade entre antigos e modernos”¹². O filósofo napolitano reconhece e louva as inúmeras conquistas da medicina moderna, mas indica um caminho alternativo ao recuperar preceitos da antiga medicina hipocrática que estavam caindo em desuso e sendo esquecidos em função da “moda cartesiana”.

O *Deratione* se inicia com uma referência às *desiderata* (ou *aspirações*) elencadas por Francis Bacon. A referência a Bacon se dá pela expectativa de “um novo orbe”, um “novo mundo”, “uma nova terra”. Estas e outras metáforas utilizadas por Vico remetem, evidentemente, à *nova Atlântida*, “na qual a sabedoria humana alcançaria a perfeição e a completude” (Vico, 1990, p. 92). Contudo, a menção ao projeto de Bacon vem acompanhada de uma observação fundamental quanto aos riscos do naufrágio durante o curso da navegação. Vico indica que é preciso saber explorar o mar, mas nos limites de nossas capacidades, e nada garante que os meios ou os instrumentos de navegação não se convertam em escolhos que impedem que se atinja o fim almejado (“a perfeição completa do gênero humano”). Nada garante que estes instrumentos se voltem contra os que navegam em busca da “terra prometida” pelo progresso do saber (Pereira Filho, 2020, p. 173). Desse modo, antecipando a crítica à razão instrumental que encontraremos em Max Horkheimer, um agudo leitor de Vico, o filósofo suspeita dos perigos provocados pelo próprio progresso do conhecimento, ao mesmo tempo que enaltece o lado benéfico do avanço do saber e das conquistas modernas. Vejamos, por exemplo, a seguinte passagem em que Vico trata da medicina moderna:

A química era inteiramente desconhecida dos antigos, e, com seus subsídios, como instruí a medicina! Esta, uma vez descoberta a similitude dos fenômenos, não apenas conjectura acerca da grande variedade de funções e doenças do corpo, mas discerne nitidamente com os olhos. Alguns ligaram a química e a física, como também, outros, a mecânica e a medicina (...). A mecânico-medicina, por meio de movimentos mecânicos, descreve e cura as doenças do corpo humano. Por outro lado, a anatomia, além da circulação do sangue, fornece a origem dos nervos, de inúmeros sucos, de vasos e ductos do corpo humano, pelo que já seria superior à antiga, e ilustra brilhantemente, com o apoio do microscópio, a descrição de milhares de glândulas, minúsculas vísceras, que escapavam aos olhos dos antigos (Vico, 1990, p. 99-100).

¹² Acerca dessa querela, Leonardo de Cápua (*apud* Rossi, 1999, p. 72) no ambiente intelectual dos “inovadores”, escreve: “Assim nós que nascemos no velho mundo é que devemos realmente ser chamados de velhos e antigos, e não aqueles que nasceram no mundo infante e jovem e que, por experiência, conheceram menos do que nós”. Vico, como logo veremos, apresenta uma perspectiva bem mais complexa sobre esse assunto.

Nesta passagem, Vico não apenas destaca os benefícios da medicina moderna, o que ele quer mostrar é que tais conquistas são na verdade fruto de experimentos, pesquisas e *práticas transversais*, o que hoje chamaríamos de *estudos interdisciplinares*. Nesse sentido, ao mencionar o que “falta para uma sabedoria absoluta”, o pensador também aponta para o perigo de se navegar com um método falho, sem propósito ou finalidade e indica que *falta* aos modernos, a despeito de suas conquistas, uma perspectiva mais dialógica, na qual um saber complementa o outro, sem pretender ser o senhor de um império. Para Vico, o conhecimento só avançou em função do diálogo. No caso da medicina, Vico alerta para os riscos da fragmentação de um saber dividido em diversos ramos, afastados cada vez mais uns dos outros e que ficaria sem um propósito definido no seu conjunto. A seu ver as conquistas da medicina moderna são fruto da interação entre diferentes ramos do conhecimento, jamais de uma hiper especialização. Assim, ao invés da perspectiva que vê os saberes derivando de um único troco (como é o caso da física cartesiana) e submetidos a um único método, Vico antecipa uma discussão fundamental que envolve saberes distintos e complementares, pois, para ele, o método dedutivo não dá conta da complexidade envolvida no campo da medicina, pois essa diz respeito ao ser humano, um animal complexo envolvido em múltiplas relações, que interage com diferentes ambientes e contextos. Nesse sentido, o filósofo denuncia o risco de falsear o real, ao pretender enquadrá-lo em esquemas gerais, tornando o conhecimento médico estéril.

Dizem os doutos que essa mesma física, que ensinam com aquele método, é a própria natureza, e, onde quer que te voltes para contemplar o universo, essa física é visada. Por isso, consideram que se deva agradecer aos autores que nos liberaram de tamanha tarefa de ter que contemplar ainda mais a natureza e que nos deixaram essas casas bem amplas e arrumadas. Uma vez que a natureza se comporta necessariamente dessa maneira, que se lhes agradeça muitíssimo; mas, se ela for de outro modo constituída, se uma das regras do movimento for falsa, para não dizer que não somente uma já é sabida falsa, examinem, olhem mais e mais com atenção, a fim de que não tratem da natureza já seguros de tudo, e, enquanto cuidam do teto da casa, negligenciem perigosamente os fundamentos (Vico, 1990, p. 120).

Um exemplo desse tipo de esquematismo apontado por Vico pode ser visto na relação problemática entre a fisiologia cartesiana e a sua psicologia, ou seja, no modo como Descartes explica inicialmente a relação entre corpo e mente, tema que foi pisado e repisado pelos filósofos seicentistas e diante do qual Vico não é indiferente. É justamente no âmago dessa discussão que Vico, em pleno século XVIII, indica a necessidade de não se perder de vista importantes preceitos da medicina hipocrática.

Contudo, cabe perguntar se não haveria aqui um outro Descartes a ser levado em conta, um Descartes mais complexo, que ultrapassa o mecanicismo que ele próprio ajudou a difundir, um Descartes que, inclusive, dialoga com a tradição hipocrática que Vico desejava revisitar. Nessa perspectiva, acredito que Vico estaria acertando suas contas mais com o modismo cartesiano, do que com o próprio Descartes.

MENTE E CORPO: A MEDICINA HIPOCRÁTICA E OS LIMITES DO MECANICISMO

Para comprovar essa tese, tomo como base uma passagem de Galeno a qual Vico alude e que constitui um ponto de partida fundamental de suas considerações mais gerais, a saber: “as ações e paixões da alma seguem os temperamentos do corpo”¹³. Esta mesma referência implícita podemos encontrar em Descartes: “nosso espírito depende tanto do temperamento como da disposição dos órgãos do corpo (...), se é possível encontrar algum meio que torne comumente os homens mais sábios e mais hábeis do que foram até aqui, creio que é na medicina que se deve procurá-lo” (Descartes, 1987, p. 53).

No caso da posição cartesiana, como observa Gary Hatfield, “onde os fisiologistas anteriores haviam invocado poderes, faculdades e formas ou agências incorpóreas para explicar os fenômenos das coisas vivas, Descartes invocaria *apenas a matéria em movimento, organizada para formar uma máquina corpórea*” (Hatfield, 2009, p. 418). Ora, segundo essa perspectiva, Descartes pretende fornecer uma explicação mecanicista acerca dos movimentos do corpo que não são controlados por nossa vontade, assim como, de acordo com seu exemplo, seria incorreto afirmar “que há em um relógio uma alma que o faz dizer as horas”. O movimento mecânico é o suficiente para explicar o funcionamento dos órgãos de homens e animais.

É certo que esta leitura mecanicista que se faz de Descartes encontra respaldo em sua metafísica e em sua física, a qual, tratando o movimento da matéria destaca que “essas funções

¹³ A passagem do *De nostri temporis studiorum ratione* é a seguinte: “Qua in re corporis animique morbi aptissime sib respondente et congruunt” (Vico, 1992, p. 126). Vale a pena citar alguns trechos do tratado de Galeno ao qual Vico alude: “Não é evidente que a alma é escrava do corpo? Melhor dizer que não é escrava, mas sim que a parte mortal é o temperamento do corpo” (Galeno, 2018, p. 178). “Quem acredita que a alma possua uma substância particular, necessariamente terá que reconhecer que ela está submetida ao temperamento do corpo...na medida em que o vinho poderá separar a alma do corpo, levar ao delírio, privar de memória e inteligência, tornar a um triste, a outro covarde ou sem coragem, tal como se manifesta nos melancólicos, mas quem bebe vinho com moderação obtém efeitos contrários” (Galeno, 2018, p. 177). “Guiados pela razão, aqueles que admitem que a alimentação pode tornar uns mais razoáveis outros mais licenciosos, capazes ou incapazes de controlar-se, valentes ou covardes, afáveis e de bom caráter, amantes de brigas e conflitos, que me acompanhem para saber o que se deve comer e beber” (Galeno, 2018, p. 178).

são sempre as mesmas, no que se pode dizer que os animais irracionais se nos assemelham” (Descartes, 1999, p. 73-74). Por essa via, inclusive, a constatação da semelhança entre o mecanismo do corpo humano e o dos animais tornará possível que a medicina moderna, como bem recorda Vico, avance com a observação direta por meio da dissecação e da anatomia, deixando de lado as fantasias dos tratados de medicina antiga a esse respeito. Contudo, isso pode soar um tanto simplista, pois o mecanicismo não permite ver com clareza a distinção e a interação entre mente e corpo, além de não explicar satisfatoriamente, como notará o próprio Descartes, a união destas substâncias.

Aqui parece que estamos diante de um Descartes que vai além do dualismo mecanicista e permite vislumbrar uma perspectiva próxima do velho mote de Galeno de que a alma se liga ao temperamento e à disposição dos órgãos do corpo, perspectiva que, por sua vez, remonta à Hipócrates, pois “ao demonstrar que as faculdades da alma seguem os temperamentos do corpo, não apenas as faculdades que dependem da parte irascível ou apetitiva, Hipócrates é o testemunho mais confiável de todos” (Galeno, 2018, p. 193). A diferença em relação a Descartes é que, em Galeno, essa afirmação pode ser lida em chave anti-platônica e materialista, o que não significa que sua perspectiva deve ser confundida com o materialismo mecanicista dos modernos¹⁴.

Para o que aqui nos interessa discutir, o certo é queo próprio Descartes parece ir além do dualismo mecanicista, uma vez que, como ele próprio afirma, “a natureza me ensina, também, por esses sentimentos de dor, fome, sede, etc. que não somente estou alojado em meu corpo como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente e de tal modo que componho com ele um único todo” (Descartes, 1999, p. 324). Ora, já se escreveu muito sobre um suposto “fracasso cartesiano” ou o famigerado “erro de Descartes”. Mas é preciso ser justo com Descartes que, segundo Lívio Teixeira, teria optado por não publicar seus estudos no campo da medicina e, portanto, “confessa seu fracasso parcial nos estudos médicos [devido] a convicção a que ele aos poucos chegou de que as suas concepções mecanicistas, necessárias sem dúvida à elaboração de uma doutrina médica e de uma terapêutica, não eram, contudo, suficientes” (Teixeira, 1990, p. 158). Assim, Descartes teria admitido como fator importante ao equilíbrio dos temperamentos do corpo, “além dos elementos de ordem puramente física e mecânica, os elementos de ordem psíquica, fundando-se isso na união que há entre a alma e o corpo” (Teixeira, 1990, p. 158-159). Nesse sentido, os

¹⁴ Para uma análise das considerações gerais acerca da noção de saúde mental nos antigos, ver Van der Eiji (2009).

limites do dualismo mecanicista, são indicados pelo próprio Descartes, como observa Teixeira, em ao menos duas passagens, a saber: a carta à princesa Elisabeth, de 18 de maio de 1645 em que Descartes menciona “a tristeza como causa mais ordinária da febre lenta”, e outra, também de 1645, em que Descartes declara que, “tendo herdado de sua mãe uma ‘tosse seca’, livrou-se dela por uma *cura mental*; e aconselha a princesa Elisabeth a acalentar em seu espírito imagens alegres de modo a produzir no corpo os fenômenos favoráveis à cura” (Teixeira, 1990, p. 159)¹⁵.

Vale lembrar quanto a isso que a correspondência entre Descartes e a princesa havia se iniciado com uma discussão teórica em torno do problema mente-corpo e, pouco a pouco, foi convergindo para uma discussão relacionada ao campo da medicina, uma vez que a princesa indaga Descartes acerca da causa de sua melancolia. Descartes então recomenda que a princesa se liberte de todos os pensamentos tristes “e mesmo de toda espécie de meditações sérias a respeito da ciência e só se ocupe de imitar aqueles que, olhando o verde de um bosque, as cores de uma flor, o voo de um pássaro, e tais coisas que não requerem nenhuma atenção, persuadem-se de que não pensam em nada” (Descartes, 1989).

É interessante observar ainda que essa valorização do bom uso da imaginação no processo terapêutico é algo que suscita toda uma discussão na medicina contemporânea em torno do assim chamado “efeito placebo”, isto é, no que diz respeito à capacidade da mente atuar sobre o corpo, sobretudo quando estimulada pela música e outras artes que despertam afetos alegres. Quanto a isso, podemos entrever a recusa do dualismo mente e corpo, recusa baseada na ideia de que a mente é apenas um produto do cérebro. Contudo, sem pretender fazer paralelos com as terapias atuais, vale a pena mencionar as interessantíssimas observações de Francis Bacon a respeito da relação mente-corpo e como ele enxerga a função da imaginação na prática terapêutica. Bacon, assim como Descartes e Vico, também remete ao mote de Galeno, e não se limita a indicar a importância da dieta e dos exercícios físicos para produzir equilíbrio dos temperamentos *somatopsíquicos*, ele igualmente observa os benefícios de um bom regime de imagens para o equilíbrio da saúde do corpo e da mente, algo que, na perspectiva de Bacon, constitui um importante assunto a ser investigado. Segundo Bacon,

quanto ao conhecimento contrário, que é o da operação das ideias e paixões da mente sobre o corpo, vemos que todos os médicos prudentes, ao prescrever um regime a seus pacientes, consideram sempre os *accidentia animi* [estados de ânimo], como algo de grande força para potencializar ou entorpecer os remédios ou curas; e mais

¹⁵ Para uma análise deste aspecto da correspondência, ver ainda Bitbol-Hespériès, (2000, p. 229-250).

especialmente é uma indagação de grande profundidade e valor a respeito da imaginação, saber como e até que ponto ela altera o corpo daquele que imagina (Bacon, 2006, p. 84).

Essa capacidade da mente, através da faculdade da imaginação, agir sobre o corpo é um assunto interessantíssimo que vale a pena explorar seja pela atualidade do assunto, seja numa chave histórica que permite ver linhas de continuidade de preceitos da medicina antiga que, de Bacon a Vico, passando por Descartes, ficaram encobertas ou estão à margem em face do mecanicismo triunfante. Cabe perguntar se a ênfase cartesiana na noção do ser humano visto “como um todo”, todavia, se refere-se ao composto psíquico-físico tomado como um sistema fechado ou se, ao contrário, a posição de Descartes em sua correspondência com a Princesa Elisabeth permite, aproximá-lo da perspectiva que entende o ser humano em relação com o ambiente, o que pressupõe entender a noção de “natureza” num sentido hipocrático-viquiano.

À GUIA DE CONCLUSÃO: VICO E A MEDICINA HIPOCRÁTICA

Para concluir, cabe fazer algumas considerações gerais e indicar alguns apontamentos. É certo que, por motivos óbvios, Vico não poderia ter acesso às interessantíssimas considerações que Descartes faz sobre a medicina em sua correspondência com a princesa Elisabeth; mas, embora possamos traçar linhas de aproximação entre ambos, é preciso dizer que, mesmo reconhecendo os avanços inegáveis da medicina moderna, Vico não deixa de indicar retrocessos dessa medicina em face da arte médica dos antigos, ao constatar, por exemplo, que o homem que encontramos na perspectiva “dos anatomistas seguidores de Descartes não se encontra na natureza” (Vico, 1990, p. 22). O que ele quer dizer com isso?

Com base no que vimos acima, é fácil perceber que Vico tem em mente o mecanicismo derivado da física cartesiana, uma vez que os anatomistas cartesianos são atentos à funcionalidade de cada órgão, mas não lidam com o corpo vivo, quer dizer, com o ser humano concreto e suas características específicas, de modo que a medicina moderna pode apresentar uma faceta dogmática que acaba passando ao largo de formas de tratamento e cuidados com a saúde que os antigos conceberam e que, no entender do filósofo, não deveriam jamais ser esquecidas. É preciso lembrar que a noção de natureza, no caso da medicina antiga, não pode ser confundida com um esquema abstrato de validade universal. Daí a diferença de temperamentos e humores, cuja busca de equilíbrio deve ser tomada caso a caso. Note-se que Hipócrates, apesar de considerar que a medicina se fundamenta em leis naturais de causa e

feito, não se limita a considerações baseadas em leis gerais, uma vez que entende o ser humano de forma holística e sistêmica, ou seja, como um indivíduo *em relação a um todo*, incluindo o ambiente e o meio social no qual ele está inserido. Daí que Hipócrates recomende ao paciente a adequada

proporção dos exercícios em relação à quantidade de alimentos, à natureza do indivíduo, à idade, às estações, à mudança dos ventos, à situação dos lugares onde ele vive e à organização do ano. Observaremos o levante e o poente das constelações a fim de prevenir-nos contra as mutações e as condições excessivas dos alimentos, das bebidas, dos ventos e do mundo inteiro, circunstâncias que provocam doenças. Mesmo conhecendo tudo isso, a descoberta não está completa: se, de fato, for possível achar, além disso, para cada natureza individual, uma medida de alimentos e uma proporção de exercícios sem excesso, nem para mais nem para menos, teremos um meio exato de manter a saúde (Hipócrates, 2002, p. 32-33)

Como diz Jaeger, para Hipócrates “o problema dos problemas não reside no que o Homem é em si, mas sim no que ele é em relação ao que come e bebe, à sua maneira de viver e aos efeitos em que tudo isso produz sobre ele” (Hipócrates *apud* Jaeger, 2010, p. 1024). Daí que seja “ridículo em medicina falar da natureza humana em geral” (Jaeger, 2010, p. 124). É nesse sentido que, para Vico, a medicina não poderá ser eficaz se tomar como ponto de partida o corpo inerte que pode ser medido, ponderado e dissecado, mas que é completamente inútil aos terapeutas que lidam com o corpo vivo. Ao contrário da medicina dogmática que deriva de certa versão mecanicista de Descartes, a medicina hipocrática toma a interação entre o corpo e a mente sempre em relação a esta ou aquela situação concreta. Além disso, Vico não vê com bons olhos a medicina dogmática dos modernos porque ela não enfatiza o estudo dos sintomas, o que a torna novamente pouco eficaz de um ponto de vista terapêutico. Ao contrário, a medicina hipocrática aponta justamente para a arte da escuta, da observação prolongada, da interpretação e da adaptação, enfim, daquilo que os antigos chamavam de “arte diagnóstica”.

É interessante observar que, para se contrapor à esta medicina fundada no mecanicismo, Vico também faça referência a Francis Bacon, para reafirmar a necessidade da indução como ensinava Hipócrates e Galeno, o que permite compor uma tópica e avançar no saber. Diz Vico: “realmente os sintomas e o diagnóstico são verossímeis se os tomamos de uma observação prolongada. Por isto, como Verulâmio [Bacon] reconhecia, os galênicos não deduziam retamente as causas das enfermidades mediante silogismos” (Vico, 1990, p. 119). No *Advancent Learning*, o próprio Bacon indica as deficiências que impedem o avanço do saber no caso de medicina e recomenda “a antiga e séria diligência de Hipócrates, que tinha o costume de escrever um relato dos casos especiais de seus pacientes, do modo como evoluíram e do veredito trazido pela cura ou pela morte” (Bacon, 2006, p. 133). Daí a necessidade de que o

médico acompanhe o histórico do doente, ou mesmo a evolução de uma epidemia, para entender o que a natureza ensina, com a variação dos casos, já que as próprias doenças podem sofrer mutações, e o que antes era eficaz, ou foi eficaz num determinado caso, pode não ser necessariamente num outro. Em relação a isso, em um trecho do opúsculo *O método de estudos do nosso tempo* Vico afirma: “as doenças são sempre novas e diferentes, como diferentes são os enfermos. Nem mesmo eu sou agora o mesmo que fui há instantes atrás quando falava dos enfermos, pois transcorreram inumeráveis instantes em minha vida, e já se produziu movimentos inumeráveis com os quais cheguei até esse grande dia” (Vico, 1990, p. 129). Em suma, como os homens são diferentes e vivem em diferentes situações, assim também “as doenças são infinitas, não podem ser todas circunscritas a uma única forma” (Vico, 1990, p. 129). Sendo assim, como produzir um conhecimento positivo da medicina se tudo é tão variável? A resposta de Vico afirma o papel do engenho agudo que caracteriza a medicina hipocrática, ou seja, a capacidade de saber relacionar aspectos diversos, estabelecer similitudes entre um caso e outro, um doente e outro, uma doença e outra e, assim, observando por outro lado caso a caso, construir uma tópica que destacará a prevenção, o que, além de outros aspectos que indicamos neste texto, fazem toda a riqueza da arte medica dos antigos e que ainda são válidos para o nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- BACON, F. **Progresso do conhecimento**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- BADALONI, N. **Introduzione a Vico**. Bari: Laterza, 1988.
- BITBOL-HESPÉRIÈS, A. Descartes face à la mélancolie de la princesse Elisabeth. *In*: BITBOL-HESPÉRIÈS, A. **Une philosophie dans l'histoire**. Hommages à Raymond Klibansky, édité par Bjarne Melkevik et Jean-Marc Narbonne. Québec: Les presses de l'université Laval, 2000, p. 229-250.
- CROCE, B. **La filosofia di Giambattista Vico**. Napoli: Laterza, 1911.
- DAMIANI, A. M. Humanismo civil y Hermenéutica filosófica. Gadamer lector de Vico. **Cuadernos sobre Vico**, n. 15-16, Sevilla, 2003, p. 31-47.
- DESCARTES, R. **Correspondence avec Elizabeth e autres lettres**. Paris: Flammarion, 1989.
- DESCARTES, R. **Discurso do Método/As paixões da alma/Meditações**. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

DESCARTES, R. **O Homem**. Apresentação, apêndices, tradução e notas de César Augusto Battisti, Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

DESCARTES, R. Les Principes de la philosophie. *In*: DESCARTES, R. **Oeuvres**. Edição organizada por Charles Adam e Paul Tannery. Paris: Vrin, 1996.

DONATELLI, M. C. O. F. Descartes e os médicos. **Revista Scientia e Studia**, São Paulo, USP, v. 1, n. 3, p. 323-336, 2003.

FISH, M. H. Vico tra Cartesio e Peirce. *In*: **Leggere Vico**. Napoli: CNR, 1982, p. 67-90.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GALENO, C. **Sobre Las Facultades Naturales. Las Facultades Del Alma Siguen Los Temperamentos Del Cuerpo**. Tradução de Gras, Z. J. Madrid: Editorial Gredos, 2018.

HATFIELD, G. A fisiologia de Descartes e a relação desta com sua psicologia. *In*: COTTINGHAM, John (org.) **Descartes**. Tradução de Andre Oídes. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2009.

HIPÓCRATES. Ares, águas e lugares. *In*: CAIRUS, H. F.; RIBEIRO Jr., W. A. **Textos hipocráticos. O doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005, p. 91- 129.

HIPÓCRATES. **Conhecer, cuidar, amar**: o juramento e outros textos. Apresentado e anotado por Jean Salem. São Paulo: Landy, 2002.

JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

LILLA, M. **Giambattista Vico - The making of an anti-modern**. Cambridge-London: Harvard University Press, 1994.

LOMONACO, F. La Vita di Vico “istorico” e filosofo. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 28, n. especial, 2025, p. 21-40.

MARX, K. **O Capital - Crítica da Economia Política**, v. I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Economistas).

VICO, G. **A Ciência Nova**. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenbenkian, 2005.

VICO, G. **De antiquíssima italarum sapentia**. Edição bilíngue. Latim-italiano. Tradução de Sanna. M. Roma: Edizione distoria e letteratura, 2007.

VICO, G. **Opere**. A cura di Andea Battistini. Milano: Arnoldo Mondadori, 1992.

VICO, G. **Opere filosofiche**. Edição organizada por Paolo Cristofolini. Florença: Sanzoni Editore, 1971.

PEREIRA FILHO, A. J. O discurso e o método: Vico leitor de Descartes e a autobiografia. *In: GUIDO, H (org.). Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico.* Uberlândia: EDUFU, 2012, v.1, p. 179-202.

PEREIRA FILHO, A. J. A Unidade do Saber e os Prejuízos da Infância: Notas sobre o Método e a Pedagogia em Vico e Descartes. **Cadernos de ética e filosofia política.** São Paulo, USP, v. 1 n. 36, 2020.

PEREIRA FILHO, A. J. Natureza e História: notas sobre a crítica à noção abstrata de natureza humana em Marx e Vico. **Cadernos Espinosanos,** São Paulo, USP, 1(30), 2014.

PIOVANI, P. Vico e la filosofia senza natura. *In: PIOVANI, P. Campanella e Vico.* Roma: Accadem iNazionale dei Lincei, 1969, p. 247-268.

ROSSI, P. **Naufrágios sem espectador – a ideia de progresso.** São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

ROSSI, P. **Os sinais do tempo. História da Terra e história das nações de Hooke a Vico.** Tradução de Juliana Mainardi. São Paulo. Cia das Letras, 1992.

SILVA NETO, S. de A. e. Atomismo e metafísica. Notas sobre o cartesianismo na Nápoles de Vico. **Educação e Filosofia,** 29, p. 147-167, 2016.

VAN DER EIJK, P. Os conceitos de saúde mental da medicina e na filosofia gregas dos séculos V e IV a.C. *In: A saúde dos antigos.* Reflexões gregas e Romanas. São Paulo: Loyola, 2009.

TEIXEIRA, L. **Ensaio sobre a moral de Descartes.** 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.